

Man is not truly one, but truly two: O Mito do *Doppelgänger* em *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde* de Robert Louis Stevenson

Jéssica Bispo

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE NOVA
DE LISBOA - CETAPS

Citation: Jéssica Bispo. “*Man is not truly one, but truly two: O Mito do Doppelgänger em Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde* de Robert Louis Stevenson.” *Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 11, n.º 1, 2022, pp. 41-58. ISSN: 2182-9934. Web: <http://ojs.letras.up.pt/>. DOI: 10.21747/2182-9934/via11_1a4.

Abstract

This article analyses the literary work *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde* (1886) by Robert Louis Stevenson, taking into account the myth of the *doppelgänger*. Firstly, several mythological conceptions of the *doppelgänger* will be presented, so as to problematize the theme of duality in the context of Victorian society and Stevenson’s work. Instances of duality in Victorian society and how it manifests itself within that context will also be analysed, namely through the idealization conveyed by the figure of the gentleman and the feelings of anxiety, but also of excitement, regarding the scientific and technological advances that were occurring at the time. Furthermore, pertaining to Stevenson’s work in particular, the double personality of Jekyll will be explored taking into consideration the creation of Hyde, focusing on three elements that evoke this duality: Hyde’s physical appearance, the description of his and Jekyll’s residence, and the mirror and its symbology. The duality of the city of London will also be addressed, namely through the East End/West End and night/day dichotomies.

Keywords: Culture Victorian Era; Victorian Literature; London; Duality; *Doppelgänger*

Resumo

O presente artigo analisa a obra *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde* (1886) de Robert Louis Stevenson tomando em consideração o mito do *doppelgänger*, sendo, primeiramente, apresentadas diversas concepções mitológicas do mesmo, para posteriormente se problematizar o tema da dualidade no contexto da obra e da sociedade vitoriana de um modo mais geral. Serão analisadas instâncias de dualidade na sociedade e como esta se manifesta, nomeadamente através da idealização veiculada pela figura do *gentleman* e da ansiedade, mas

também entusiasmo, relativamente aos avanços científicos e tecnológicos que ocorriam então. Em relação à obra de Stevenson em particular, será explorada a dupla personalidade de Jekyll através da criação de Hyde, focando três elementos que evocam precisamente uma dualidade: a aparência de Hyde, a descrição da residência deste último e de Jekyll, e o espelho e sua simbologia. A dualidade de Londres será também abordada, nomeadamente através das dicotomias *East End/West End* e noite/dia.

Palavras-chave: Era Vitoriana; Literatura Vitoriana; Londres; Dualidade; *Doppelgänger*

O mito do *doppelgänger* e a imagética alusiva à figura do duplo - físico ou abstrato - é transversal a diversos géneros literários e épocas históricas, apresentando-se sob várias aceções e simbolizando uma miríade de aspetos presentes em determinadas obras literárias. A temática do duplo em *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde* (1886) de Robert Louis Stevenson é particularmente evidente, sendo, no entanto, apenas uma das muitas obras publicadas na Era Vitoriana que o apresentam. O mito do *doppelgänger* apresenta-se comumente associado à literatura vitoriana, influenciado pelo desenvolvimento do romance gótico, sendo que diversos autores recorriam frequentemente a elementos sobrenaturais na elaboração das suas obras, conferindo, igualmente, especial ênfase aos mistérios da mente humana. É nutrido um fascínio por mitos e lendas relacionados com a duplicidade da personalidade, usados frequentemente como mecanismo literário que alude a ansiedades de uma sociedade pós-Revolução Industrial.

Paradoxalmente, assiste-se a uma especialização do conhecimento e a um progressivo interesse pela ciência e pela psicologia. No entanto, esta tendência não impediu o recurso a mitos no domínio da produção literária (frequentemente associados à imaginação e à fantasia), extremamente úteis na representação de determinados conceitos. A figura do *doppelgänger*, na literatura vitoriana e seus antecedentes,¹ surge frequentemente associada a conflitos psicológicos, em particular distúrbios de dissociação da personalidade, tendo sido ainda usada, em diversas ocasiões, como metáfora para os complexos processos de criação literária e procura de identidade, bem como para relações de poder sociais alicerçadas numa dinâmica de alteridade, evidenciada pela dicotomia Eu/Outro.

Não existindo uma definição consensual do termo *doppelgänger*, esta depende, em larga medida, do folclore existente em diversas culturas, bem como a sua evolução e transformação. No entanto, de uma forma geral, este termo de origem alemã (substantivo composto pela combinação de “doppel” [duplo] e “gänger” [aquele que vagueia/anda]) remete para o duplo de um indivíduo, que se poderá apresentar de

diversas formas: como uma entidade invisível que acompanha cada ser humano, uma sombra que poderá demonstrar livre-arbítrio,² ou mesmo a personificação da alma humana. Os folclores irlandês e escocês apresentam uma referência comum a uma figura mítica denominada por *fetch*, um duplo concebido sob a forma de uma aura pertencente a cada indivíduo, com uma aparência exatamente igual a este e sendo capaz de se afastar do mesmo. O folclore escandinavo, por sua vez, menciona o *vardøger*, personificação do prenúncio e explicação atribuída à sensação de *déjà vu*: o *vardøger* seria o espírito que visitou, previamente, os espaços que a pessoa iria visitar no futuro. Também o muito reconhecido lobisomem, desde a mitologia protoindo-europeia, assume frequentemente o papel de um duplo que enverga ideais de força sobrenatural, sendo a licantropia um estado que permite uma indulgência pelos instintos mais primordiais e selvagens do ser humano. De forma similar, surge ainda a mulher-vampiro, sob as mais distintas figuras mitológicas - *empusa*, lâmia, *langsuyar*, *nukekubi*, Lilith, Ishtar -, correspondendo esta a uma mulher subversiva, uma *other woman* que expressa a sua sexualidade e independência, representando a liberdade que a mulher socialmente respeitável e conformista não conseguiria atingir, apesar de ansiar por tal. Claude Lecouteux acrescenta alguns exemplos aos já previamente mencionados e conclui:

La antigua religión egipcia nos habla del *Ka*, los griegos nos hablan del *daimôn*, los romanos nos informan de que todo hombre posee un *genius* y cada mujer una *luno*, el cristianismo nos atribuye un ángel custodio, los antiguos escandinavos conocen la *fylgja*. . . Sin duda alguna resultaría vano querer descubrir un lazo genético entre todas estas civilizaciones, pero el parentesco de las creencias nos revela que, con el Doble, tenemos uno de los elementos constitutivos del pensamiento humano del orden de los arquetipos junguianos o de lo que los folkloristas denominan *psichic unity*. (14)

O duplo particular de *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde* não se manifesta como uma entidade invisível ou uma sombra, mas sim como um duplo físico, aparentemente em direta oposição ao indivíduo que o criou. Apesar de visível, verifica-se que a existência de Hyde como duplo de Jekyll é simbolicamente invisível para todas as personagens da obra exceto o seu criador, sendo este o único que conhece a verdadeira origem e identidade de Hyde. Desta forma, a qualidade de invisibilidade define este duplo, sendo precisamente esse atributo que lhe permite cumprir a sua função de forma discreta e eficiente. Hyde, como expressão parcial da personalidade de Jekyll, possui vontade própria, agindo simultaneamente como

shadow-self: a expressão da faceta obscura da mente do médico, pulsando com instintos e emoções reprimidos. A identificação de Hyde com a sombra é, ainda, enfatizada pelos locais em que este surge ao longo da obra, sendo estes caracterizados por uma ausência de luz e um nevoeiro cerrado (Stevenson 7, 13, 14-5). A aceção da figura do duplo como personificação da alma³ também encontra eco na obra de Stevenson, sendo que Hyde, como previamente mencionado, personifica os impulsos reprimidos de Jekyll, incluindo, também, os seus instintos mais violentos, bem como a sua misantropia e misoginia. Assim, Hyde é usado como complemento dos traços de personalidade que já encontramos em Jekyll e que, em conjunto, formam a totalidade da alma humana.

É ainda necessário referir que a figura do *doppelgänger* surge geralmente associada à sorte do indivíduo que o possui: “It usually stands behind its human, occasionally whispering advice, both good and bad. It is bad luck for a doppelganger to be seen, particularly by its human counterpart: [t]he sight of one’s doppelganger is said to foretell imminent death” (Sherman 124).⁴ Esta característica está também presente na obra de Stevenson, manifestando-se através da curta passagem de tempo entre a manifestação de Hyde como ocorrência dominada por Jekyll e a sua emergência espontânea e descontrolada sem necessidade da poção que a determinaria. Esta evolução culminará, posteriormente, na morte de ambos que são apenas um, o que alude à criação de um *doppelgänger* visível como estando intrinsecamente relacionada com a destruição do ser.

Partindo destas considerações iniciais sobre a figura do *doppelgänger* e a sua relação com a obra em estudo, o presente artigo pretende analisar a presença do duplo em *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde*, articulando a mesma com o contexto social da obra, *i.e.* a Inglaterra vitoriana, e questões prementes no seio desta, como a exigência de repressão, em diversos níveis, para responder a padrões socioculturais, e a diferença e também dualidade existentes entre os *East End* e *West End* da cidade de Londres.

1. Instâncias de dualidade na sociedade vitoriana

A escolha do duplo como tema central de *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde* revela diversas ansiedades patentes na sociedade vitoriana, sendo uma destas o desvio ao ideal do *gentleman*, um arquétipo que definia um código de atitudes e características que um homem da classe média ou alta deveria cultivar em sociedade. Este indivíduo, que possuiria uma particular consciência da época de transição em que se inseria, deveria igualmente demonstrar conhecimento do seu lugar na sociedade e, assim,

corresponder ao ideal de aparência e comportamento que foi sendo desenvolvido. É a proeminência deste ideal na sociedade vitoriana que provoca em Jekyll a necessidade de criar Hyde.

Respeitabilidade, espírito de iniciativa, autossuficiência e honestidade: são estes alguns dos pilares que sustentam o arquétipo do *gentleman*, que deveria apresentar-se como sendo um trabalhador honesto, dedicado e determinado, procurando uma competição saudável e tentando, dessa forma, ascender social e financeiramente, contribuindo, subsequentemente, para a dinâmica desejável da sociedade e impulsionando desta forma o desenvolvimento coletivo. Numa esfera privada, deveria garantir o sustento da família e cuidar dela, com autoridade e algum distanciamento emocional. É ainda importante referir a valorização do carácter forte refletido no próprio corpo, *i.e.* energia física e uma aparência forte e saudável, e a desvalorização da sensibilidade e das emoções, pois estas simbolizavam fraqueza de espírito: “A aplicação vitoriana do epíteto *manly* para qualificar a masculinidade no sentido de carácter forte e de resiliência, em oposição ao conceito de *sentimental*, encontrou eco em inúmeras ocasiões, tanto no contexto do Império como no da metrópole” (Ramos 126).

A compreensão do ideal veiculado pelo conceito de *gentleman* revela-se fundamental para compreender a criação de Hyde. Como poderá ser deduzido, este modo de vida obrigaria a uma intensa repressão emocional e sexual, visando suprimir instintos e vontades naturais ao humano, nomeadamente aqueles relacionados com a raiva, a liberdade ou a sexualidade. Estas restrições impostas pelos padrões sociais vitorianos, e com o acréscimo do fardo das expectativas culturais, não permitiriam a Jekyll exprimir-se livremente, pelo que este necessita de criar o seu duplo. Através de Hyde, a responsabilidade das ações consideradas moralmente erradas recairia neste, permanecendo Jekyll ilibado de qualquer desvio ao comportamento desejável. Jekyll certamente se sentiria mais livre recorrendo a Hyde e esta divisão de personalidade aparenta ser, inicialmente, bastante benéfica. No entanto, com a passagem do tempo, começa a existir uma acentuação da dualidade, pois ambos agem de forma extremamente distinta. A consequente perda de controlo sobre o momento de transformação e, por fim, a morte, confirmam a impossibilidade e consequência trágica da divisão da personalidade.

Uma razão adicional pela qual Jekyll cria o seu duplo relaciona-se com o seu estatuto social aliado à profissão que exerce, tal como refere Christine Gamache: “Jekyll needs to create a double . . . because the society in which he lives, restrictive Victorian England, does not accept the ‘pleasures’ that he once indulged as a youth

and which he now has to repress in order to maintain his social status” (8). Jekyll ocupa uma profissão de prestígio, exercendo medicina,⁵ que exige uma postura rígida e irrepreensível. O próprio Jekyll demonstra possuir consciência deste facto, revelando, no último capítulo da obra, a repressão constante em que vivia e a luta psicológica que o dividia entre a sua identidade e o código de comportamentos a que era obrigado pelos padrões vitorianos:

. . . I found it hard to reconcile with my imperious desire to carry my head high, and wear a more than commonly grave countenance before the public. Hence it came about that I concealed my pleasures, and that when I reached years of reflection, and began to look round me and take stock of my progress and position in the world, I stood already committed to a profound duplicity of life. (Stevenson 52)

A ansiedade relativa aos avanços científicos e tecnológicos está também presente nesta complexa obra: Jekyll formula, com sucesso, uma poção que lhe permite assumir outra identidade; no entanto, o resultado dessa transformação revela-se desastroso, sendo que a mesma vai diminuindo a sua eficácia ao longo do tempo, simbolizando o receio da mudança e inovação científica (algo que encontra eco em obras escritas anteriormente, como *Frankenstein* [1818] de Mary Shelley, e permanece um recorrente tema posteriormente, veja-se *The Time Machine* (1895) e *The Island of Doctor Moreau* (1896), H. G. Wells). Assim, a poção de Jekyll, que surge como um novo avanço científico, apresenta-se útil e benéfico, tornando-se, todavia, gradualmente nocivo e culminando num desastre sem resolução possível. Verifica-se também que o papel de criador é assumido exclusivamente por Jekyll, não existindo intervenção feminina, o que prediz igualmente um fracasso científico, sendo esta perspetiva frequentemente debatida em análises de *Frankenstein* de Mary Shelley (Goswami, Mitchell e Rubenstein) mas podendo ser aplicada também no caso particular de *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde*: a ausência do cuidado e educação de uma figura materna produz uma descendência deformada, desequilibrada e potencialmente perigosa.

A figura do duplo/*doppelgänger* demonstra ser capaz, assim, de transportar consigo diversos traços caracterizadores de uma determinada época, simbolizando o que é questionável e obscuro, o proibido, e até a possibilidade de transgressão.

2. Jekyll e Hyde

2.1. A dupla personalidade

A opção de Stevenson em empregar um duplo físico na sua obra revela-se oportuna tendo em consideração a temática da dupla personalidade. Jekyll e Hyde corporizam a dualidade da mente humana e a impossibilidade de separar o todo que constitui a identidade individual. Primeiramente, a criação do *doppelgänger* evidencia a incompreensão de Jekyll relativamente a si mesmo e à psique humana, tentando, ineficientemente, reunir as duas partes da sua identidade que o mesmo considera serem opostas. Esta tentativa de divisão é já em si problemática, uma vez que Jekyll pretende dividir a sua identidade baseando-se na muito relativa dicotomia entre Bem e Mal. Ambos os conceitos são extremamente subjetivos, estando sujeitos à influência dos padrões socioculturais e regras éticas, morais e religiosas de uma determinada sociedade. Hyde é assim criado não apenas com o objetivo de permitir a libertação de desejos e instintos reprimidos, mas também como personificação da totalidade do Mal que residiria na mente de Jekyll: “Not only does he explain that he has hidden this part of himself away in order to conform to Victorian standards of respectability, he himself refers to it as *evil*” (Gamache 28).

Considerando ainda uma das aceções de *doppelgänger* referida anteriormente - o duplo como personificação da alma - torna-se possível inferir duas ideias distintas: por um lado, Hyde pode servir o propósito de evidenciar a verdadeira natureza de Jekyll, constituindo o conjunto de traços identitários que dominam a sua personalidade (algo que é enfatizado pelo gradual esbatimento de barreiras entre a personalidade de Jekyll e do seu duplo Hyde, e, em especial, pela forma como este último se apodera de Jekyll de forma lenta mas incisiva) e acabando por obter uma força desproporcional à porção da sua alma que o médico considera como aquela que se constitui como Boa e manifesta o Bem. Por outro lado, Jekyll poderá já ter plena consciência da sua dualidade, necessitando apenas de uma personificação para a maldade - manifestação do Mal - que figura na sua alma. Desta forma, Hyde nada mais seria do que um mecanismo que permitiria a Jekyll viver plenamente, sem restrições ou consequências decorrentes dos seus atos. Nesta interpretação, o descontrolo relativamente ao momento da transformação seria apenas causado pela prolongada exposição da psique de Jekyll aos impulsos de Hyde, bem como pelo facto de Jekyll permanecer demasiado tempo vivendo como o seu duplo.

Em suma, a primeira perspetiva encara Hyde como uma manifestação do Mal que habita na alma de Jekyll, mostrando-se este mais poderoso do que a bondade, *i.e.* o Bem. A segunda perspetiva, por sua vez, considera Hyde como um mero veículo utilizado para escapar à repressão vitoriana e uma personificação do Mal que reside na

alma de Jekyll tendo este pleno conhecimento desse facto. Em ambos os casos, Jekyll tenciona separar a sua personalidade recorrendo ao extremo de criar um duplo de si mesmo, pelo que luta por uma divisão que se revela impossível. O resultado é, como se esperaria, desastroso, ocorrendo, ao invés da divisão, uma sobreposição involuntária de ambas as personalidades, com Jekyll a assumir características de Hyde, perdendo-se qualquer oportunidade de integração, bem como o controlo sobre o momento de transformação, o que evidencia a impossibilidade de criar um duplo perfeito (*Ibidem* 27).

Três elementos recorrentes na obra permitem analisar mais em detalhe a dupla identidade de Jekyll: são eles o aspeto físico de Hyde, a habitação de ambos e o espelho. O aspeto físico de Hyde evoca teorias de degeneração, denunciando também a ideia de que instintos e emoções reprimidos provocam uma deterioração da alma e, conseqüentemente, do corpo, revelando assim a impossibilidade do homem vitoriano assumir publicamente a sua verdadeira identidade, pois constituiria uma ameaça à ordem vigente. O carácter monstruoso e grotesco do *doppelgänger* simboliza, por conseguinte, esta corrupção interior (Romero 24), e a aparência de Hyde evoca precisamente tais características. Com efeito, a sua aparência encontra-se marcada por um claro atavismo, com referência a membros desproporcionais e deformações físicas, provocando sensações inquietantes: “There is something wrong with his appearance; something displeasing, something downright detestable. I never saw a man I so disliked, and yet I scarce know why. He must be deformed somewhere; he gives a strong feeling of deformity. . .” (Stevenson 10); “Mr. Hyde was pale and dwarfish, he gave an impression of deformity without any nameable malformation, he had a displeasing smile . . . timidity and boldness, and he spoke with a husky, whispering and somewhat broken voice . . .” (*Ibidem* 16).

Estas descrições indiciam também, por sua vez, uma forte influência da obra *On The Origin of Species* (1859) de Charles Darwin, que teoriza a questão da proximidade entre os humanos e os símios, e que inegavelmente se revelou de extrema importância para a sociedade vitoriana, tendo revolucionado a perspetiva da população sobre um conjunto de temas, como afirmam Abhishek Thakkar e Dushyant Nimavat:

Darwin's *The Origin of Species* is one of those works that has affected the modern man the most till now. It has caused a drastic change in the mindset of the population and lead to the need for new scientific ethics as the old ethics of [the] *Bible* have been constantly scrutinized and questioned in the light of the technological revolution. . . . (760)

A aparência de Hyde remete, então, para os instintos mais primitivos e selvagens do ser humano, e para a verdadeira natureza do homem que é constantemente reprimida em contexto social. Cesare Lombroso, influente psiquiatra e criminologista italiano, debate este tema na obra *L'uomo Delinquente (Criminal Man, 1876)*, estabelecendo uma relação entre a propensão para a criminalidade e determinadas características físicas dos indivíduos, nomeadamente as seguintes:

. . . thinness of body hair, low degrees of strength and below-average weight, small cranial capacities, sloping foreheads, and swollen sinuses. [S]utures of the central brow ridge, precocious synostoses or disarticulation of the frontal bones, upwardly arching temporal bones, sutural simplicity, thick skulls, overdeveloped jaws and cheekbones, oblique eyes, dark skin, thick and curly hair, and jug ears. (91)

Assim como as descrições de Lombroso evocam uma imagem de deformidade e desproporção, também Hyde surge dessa forma apresentado. Para além destes traços distintivos, Lombroso acrescenta ainda: “. . . the most horrendous and inhuman crimes have a biological, atavistic origin in those animalistic instincts that, although smoothed over by education, the family, and fear of punishment, resurface instantly under given circumstances” (*Ibidem*). Pela influência da obra de Lombroso na sociedade italiana da época, mas também na Inglaterra vitoriana, é possível observar como o atavismo de Hyde sugere e simboliza os seus instintos violentos, agora libertados nesta figura disforme que subverte padrões educativos, familiares e sociais, sem receio de um castigo que não lhe seria aplicado.

Já relativamente às habitações de Jekyll e Hyde, Utterson confere à residência do primeiro características que evocam calor e conforto - “. . . a large, low-roofed, comfortable hall, paved with flags, warmed . . . by a bright, open fire, and furnished with costly cabinets of oak” (Stevenson 16/17) -, criando no advogado uma calculada imagem correspondente à reputação que Jekyll desejava veicular e que o primeiro iria certamente divulgar por Londres, revelando uma plena integração na sociedade: “Utterson himself was wont to speak of it as the pleasantest room in London” (*Ibidem* 17). Neste seu lar, Jekyll organizava aprazíveis jantares com “. . . five or six old cronies, all intelligent, reputable men and all judges of good wine . . .” (*Ibidem* 18).⁶

Este ambiente contrasta claramente com aquele em que Hyde se encontra frequentemente e que, embora pertencendo igualmente à propriedade de Jekyll, constitui apenas um laboratório, como Poole revela: “‘Oh, dear no, sir. He never dines here,’ replied the butler. ‘Indeed we see very little of him on this side of the house; he mostly comes and goes by the laboratory’” (*Ibidem* 17). Jekyll e o seu duplo

frequentam locais distintos de uma mesma casa, acentuando a dualidade entre ambos. No entanto, esta dinâmica fornece indícios que apontam para o facto de estes serem a mesma pessoa. O leitor rapidamente obtém a informação de que, apesar de Hyde frequentar o laboratório, este possui ainda uma habitação própria. Tendo presente este facto, é interessante verificar que as ruas em que Jekyll e Hyde residem são ambas descritas como locais decadentes, sendo que a habitação de Hyde se encontra, todavia, surpreendentemente recheada por objetos de considerável valor:

. . . furnished with luxury and good taste. A closet was filled with wine; the plate was of silver, the napery elegant; a good picture hung upon the walls, a gift (as Utterson supposed) from Henry Jekyll, who was much of a connoisseur; and the carpets were of many plies and agreeable in colour. (*Ibidem* 24)

A semelhança relativa ao interior de ambas as habitações é uma indicação de que Jekyll e Hyde são o mesmo indivíduo (note-se, em citação anterior, a referência às *costly cabinets of oak*). É também interessante notar que Jekyll opta por exhibir parte dos seus pertences valiosos na residência de Hyde, sendo que a mesma não recebe a visita de convidados. Desta forma, não ostentaria um desagradável exibicionismo que poderia afastar os seus convivas, optando por demonstrar uma modesta riqueza que, não obstante a sua exposição como símbolo de prosperidade, apontaria para uma desejável moderação nos seus afazeres e relações (distinta, aliás, das suas verdadeiras intenções e extremos impulsos).

Por fim, na literatura, o espelho surge frequentemente associado à questão da dualidade e das máscaras sociais, sendo por vezes o objeto que permite distinguir um indivíduo do seu *doppelgänger*. Serve também o propósito de induzir uma autorreflexão por parte do indivíduo criador do duplo, o que sucede na obra de Stevenson, sendo que é através desta tomada de consciência por parte de Jekyll que o mesmo se apercebe da sua perda de controlo sobre Hyde: “I lingered but a moment at the mirror . . .” (*Ibidem* 56); “. . . Edward Hyde would pass away like the stain of breath upon a mirror . . .” (*Ibidem* 57), “. . . bounding from my bed, I rushed to the mirror” (*Ibidem* 59). Relacionado com o espelho e a dualidade, surge também o reconhecido mito de Narciso, que remete para uma figura que se apaixona pelo seu reflexo e acaba por morrer de tristeza olhando o inalcançável objeto do seu desejo:

After Narkissos had rejected many admirers in this way, male and female alike, one of them prayed that he should suffer an unrequited passion on his own part. So one day, as he was leaning over a woodland pool to drink, he fell in love with his own

reflection and remained forever at that spot, unable to tear himself away, until he died from exhaustion and unsatisfied desire. (Hard 217)

Assim como Narciso nutre um profundo fascínio e amor pelo seu reflexo, também Jekyll regozija na liberdade oferecida por Hyde, e assim como Narciso não prescinde do objeto do seu desejo, Jekyll revela igualmente um tamanho apreço pela indulgência em afazeres proibidos que o leva a não renunciar à pessoa de Hyde, acabando por definhar.

A ideia de reflexo como um Outro permite também que este se considere como um duplo, o que explica ainda a estranheza sentida por Jekyll quando este se observa a si mesmo sob a forma de um duplo criado por si próprio: o médico sente que perdeu verdadeiramente a sua identidade enquanto tentava, sem sucesso, encontrá-la e controlá-la.

2.2. A dualidade de Londres

A narrativa de Jekyll e Hyde desenrola-se na cidade de Londres, constituindo esta uma localização muito oportuna para a devida exploração do tema da dualidade, denunciando a ambiguidade de valores que caracterizava a sociedade vitoriana e a oposição entre o *East End* e o *West End* londrinos. O *doppelgänger* é também usado, assim, para veicular a miríade de oposições e dicotomias encontradas na cidade.

Verifica-se que o ambiente da obra remete claramente para o selvagem, o obscuro, a névoa e a confusão labiríntica que surgem inúmeras vezes a caracterizar Londres na literatura produzida nesta época,⁷ sendo que estes elementos se relacionam, por sua vez, com a natureza enigmática do *doppelgänger* e os mistérios da mente humana e da consciência. A glória que de Londres emanava como capital do Império Britânico, berço de inovações tecnológicas e científicas, contrastava imensamente com as suas ruas escuras e labirínticas, a acentuada criminalidade e os “inner demons” (Romero 15) dos seus habitantes. O perceptível labirinto de ruas por onde se movem Utterson ou Hyde é evocativo desta faceta mais obscura da cidade, bem como o *smog* que se apresenta como um elemento recorrente em romances góticos, símbolo da Revolução Industrial e dos afazeres misteriosos e proibidos dos seus habitantes.

Na obra de Stevenson, a dualidade londrina é explorada utilizando, adicionalmente, a dicotomia dia/noite, ou luz/escuridão. Atos criminosos e violentos ocorrem durante a noite, assim como a instância em que Hyde ataca uma criança, sendo esta observada por Enfield: “I was coming home from a some place at the end

of the world, about three o'clock of a black winter morning . . .” (Stevenson 7). O laboratório onde Hyde reside é também caracterizado por uma ausência de cor e luz, e a única fonte de iluminação existente é um ténue raio de luz que perpassa uma cúpula (*Ibidem* 25). Por outro lado, um ambiente mais tranquilo, convidativo e iluminado surge com a presença de Jekyll, sendo habitualmente feitas referências a lareiras e a fogo: “. . . bright, open fire . . .” (*Ibidem* 16-7); “. . . looking in the fire . . .” (*Ibidem* 20).

Não se poderá ignorar, no entanto, aquela que é talvez a mais óbvia instância de dualidade de Londres, alicerçada na realidade histórica da cidade: a distinção entre *East End* e *West End*. Londres vitoriana estava claramente dividida entre estes dois locais, cujas comunidades se encontravam tão distantes no seu modo de vida que a própria literatura as representava frequentemente como possuindo culturas muito próprias e extremamente distintas. Como afirma Ranald Michie, apresentando dois exemplos para ilustrar o seu argumento: “The communities to the East and to the West were seen to possess their own distinctive culture, as depicted in such works as in George Gissing’s 1889 novel, *The Nether World* . . . or in the 1896 novel by Arthur Morrison, *A Child of the Jago* . . .” (96).

O *East End* albergava o proletariado em míseras condições, com habitações extremamente delapidadas e sobrepovoadas, o que era denunciado pelo intenso mau cheiro frequentemente abordado em obras de Charles Dickens ou Thomas Carlyle, e como Drew Gray confirma: “Indeed it is the smell of the East of London that is most redolent in much of nineteenth-century writing” (60). A prostituição e a criminalidade eram também abundantes nesta área e é este local que surge associado, de imediato, a Hyde: degenerado, selvagem, onde o crime espreita em todos os recantos e as regras socioculturais burguesas são esquecidas, um verdadeiro “end of the world” como afirma Enfield (Stevenson 7).

Por oposição, a classe média burguesa efetuava os seus negócios no *West End*, local de riqueza e dinamismo, onde a aristocracia, em decadência, tentava preservar o seu estatuto, reputação e poder económico estabelecendo contactos com a burguesia, que enriquecia a um ritmo frenético. Era, igualmente, neste local que o comércio mais prosperava e o entretenimento se encontrava disponível sob as mais diversas formas, desde clubes a estabelecimentos que disponibilizavam todo o tipo de produtos e ainda teatros. Constituía, em suma, “a place of pleasure and entertainment” (Michie 96). Associado a este local surge, então, Jekyll, um *gentleman* que desempenha um cargo de prestígio e mantém uma aparência irrepreensível.⁸

Londres apresentava-se, assim, como sendo, por um lado, uma cidade cosmopolita, a metrópole do Império Britânico de onde colonos partiam para promover uma ideologia expansionista e conquistar território estrangeiro, veiculando ainda valores sociais, morais e éticos que assegurariam uma determinada ordem social; por outro lado, era também a cidade sombria que vivia atemorizada por crimes violentos cometidos por figuras como *Jack the Ripper*, albergando ávidos leitores burgueses que procuravam ocupar o seu tempo de lazer com obras consideradas escandalosas.⁹ Esta faceta mais perversa e selvagem de Londres é evocada por Stevenson nos seguintes passos da obra: “. . . the street shone out in contrast to its dingy neighbourhood, like a fire in a forest . . .” (Stevenson 6); “. . . when the shops were closed, the by-street was very solitary and, in spite of the low growl of London from all round, very silent” (*Ibidem* 14).

Tal como a cidade, Londres, é representada desta forma paradoxal, é também assim que se concebe a dupla personalidade de Jekyll: duas identidades num mesmo corpo, antes da divisão que o/os leva posteriormente à morte.

Notas finais

O presente artigo pretendeu tratar o mito do *doppelgänger*, demonstrando como o mesmo foi apresentado por Robert Louis Stevenson na sua mais reconhecida obra, *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde*, e como este se manifesta não apenas na sua forma mais óbvia, *i.e.* na/s figura/s de Jekyll e Hyde, mas também na própria sociedade vitoriana e nos diversos mitos, idealizações, construções e realidades que a caracterizam. Através da análise realizada, pretendeu-se também demonstrar como a apropriação de um mito numa obra literária pode servir como um muito útil mecanismo para espelhar ansiedades e receios de uma época conturbada e extremamente ambivalente. No domínio da psicologia, a obra evoca a complexidade da mente humana e lutas psicológicas interiores transversais a todos os indivíduos, como seres altamente paradoxais que somos.¹⁰

Impõe-se uma breve menção ao reconhecido ensaio “The Uncanny” (1919) de Sigmund Freud, por ser, com frequência, referido em análises de obras literárias com um pendor gótico, como é o caso de *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde*. No mesmo, o psicanalista aborda diretamente o tema do duplo, considerando que este evoca aquilo que descreve como sendo *uncanny*, *i.e.* um sentimento paradoxal em que emergem sentimentos de terror e perturbação mas também reconhecimento e familiaridade:

One must content oneself with selecting the most prominent of those motifs that produce an uncanny effect, and see whether they too can reasonably be traced back to infantile sources. They involve the idea of the “double” (the *Doppelgänger*), in all its nuances and manifestations (141)

Freud atribui uma origem psicológica às diversas repressões sofridas pelo indivíduo, afirmando, como se poderá verificar pela passagem supracitada, que estas podem remontar à sua infância. Não será, de todo, despropositado assumir que a repressão sexual e emocional a que Jekyll é sujeito tenha a sua origem durante a infância e não apenas na sua vida adulta, em especial se se tomar em consideração a significativa idealização deste estágio da vida durante a Era Vitoriana, nomeadamente através da conceção da criança romântica - inerentemente bondosa, pura e inocente - e o seu isolamento numa esfera própria dentro do núcleo familiar, mas também da posterior falta de resposta do adulto perante a entrada desta mesma criança no mundo dos adultos e na esfera pública.¹¹ A nostalgia que Jekyll demonstra, por vezes, pelos seus tempos de juventude pode ser, precisamente, indicativo destas questões apresentadas por Freud.

Valerá a pena referir ainda que, apesar da literatura britânica constituir o foco deste artigo, o uso do *doppelgänger* e do tema da dualidade estende-se à literatura produzida numa miríade de territórios e épocas históricas. Na literatura norte-americana, a título de exemplo, este tema surge em “William Wilson” (1839) - duplo físico - ou “Ligeia” (1838) - dualidade abstrata - de Edgar Allan Poe ou *The Great Gatsby* (1925) de J. Scott Fitzgerald (note-se, neste último exemplo, a curiosa semelhança entre os termos *East End/West End* e *East Egg/West Egg*).

Para finalizar o presente artigo, é importante referir que o tema do duplo poderá ser abordado através das mais distintas perspetivas, enfatizando diferentes aspetos das variadas obras literárias que o apresentam, de forma mais ou menos direta. O conceito de *doppelgänger* encontra-se sujeito a diversas variações entre sociedades e épocas; no entanto, a generalidade das culturas partilha, na sua memória coletiva, tradições, lendas e mitos, a ideia de dualidade e de que o ser humano poderá não estar totalmente sozinho, num plano físico ou sobrenatural, sendo que o seu possível duplo poderá apresentar-se das mais variadas formas, com as mais distintas designações: alma, espírito, aura, reflexo, duplo físico, sombra, *alter ego*.¹² No entanto, qualquer aceção de duplo se relaciona intrinsecamente com algum tipo de dualidade. A análise aqui efetuada, que considerou aspetos psicológicos e mitológicos relacionados com a sociedade vitoriana, permite-nos concluir o mesmo que Jekyll: “Man is not truly one, but truly two” (Stevenson 53).

Obras Citadas

- Abadi, Houssein e Sahar Abadi. "Revisiting the Doppelganger Myth in Robert Louis Stevenson's *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*." *Advances in Asian Social Science*, vol. 5, no. 1, 2014, pp. 939-43.
- Barrie, J. M. *Peter Pan in Kensington Gardens and Peter and Wendy*. Oxford University Press, 2008.
- Castel-Branco, Maria Conceição A. Emiliano. "Literatura e Psicologia: a Dualidade na Obra de Robert Louis Stevenson." *Ciência e Cultura. Ficcionalizações da Ciência Na Grã-Bretanha II (Séculos XIX e XX)*, editado por F. Furtado e G. G. Terenas. Caleidoscópio, 2012.
- Claude, Lecouteux. *Hadas, Brujas y Hombres Lobos en la Edad Media: Historia del Doble*. Tradução de Plácido de Prada, El Barquero, 2004.
- Conrad, Joseph. *Heart of Darkness and Other Tales*. Oxford University Press, 2008.
- Dickens. Charles. *Bleak House*. 2012. *The Project Gutenberg*, <https://www.gutenberg.org/files/1023/1023-h/1023-h.htm>. Acedido 14 Jan. 2022.
- Doyle, Sir Arthur Conan. *The Sign of the Four*. 2000. *The Project Gutenberg*, <https://www.gutenberg.org/files/2097/2097-h/2097-h.htm>. Acedido 14 Jan. 2022.
- Freud, Sigmund. *The Uncanny*. Tradução de David McLintock, Penguin Books, 2003.
- Gamache, Christine M. "An Opposing Self: *Doppelgängers* in *Frankenstein*, *Jekyll and Hyde* and *Fight Club*". Dissertação. School of Graduate Studies, Rhode Island College, 2011.
- Goswami, Debapriya. "'Filthy creation': the Problem of Parenting in Mary Shelley's *Frankenstein*." *Rupkatha Journal on Interdisciplinary Studies in Humanities*, vol. 10, no. 2, 2018, pp. 210-216. <https://dx.doi.org/10.21659/rupkatha.v10n2.20>. Acedido 11 Jan. 2022.
- Gray, Drew D. "East Meets West: The Contrasting Nature of Victorian London and the Mixed Community of the East End." *London's Shadows: The Dark Side of the Victorian City*. Continuum, 2010.
- Hard, Robin. "Lesser deities and nature-spirits." *The Routledge Handbook of Greek Mythology*. Routledge, 2004.

- Kincaid, James R. *Erotic Innocence: The Culture of Child Molesting*. Duke University Press, 1998.
- Lemmer, Catherine. "Victorian Respectability: The Gendering of Domestic Space." Dissertação. University of Pretoria, 2007.
- Lombroso, Cesare. *Criminal Man*. Tradução de Mary Gibson e Nicole Hahn Rafter, Duke University Press, 2006.
- Micali, Simona. "The Hero and His Shadow." *Image & Narrative*, vol. 11, no. 3, 2010, pp. 99-110.
- Michie, Ranald C. *Guilty Money: The City of London in Victorian and Edwardian Culture, 1815-1914*. Pickering & Chatto, 2009.
- Mitchell, Donna. "Of Monsters and Men: Absent Mothers and Unnatural Children in the Gothic 'Family Romance'." *Otherness: Essays and Studies*, vol. 4, no. 2, 2014, pp. 105-129,
https://www.otherness.dk/fileadmin/www.othernessandthearts.org/Publications/Journal_Otherness/Otherness_4.2/4_Donna_Mitchell_-_Of_Monsters_and_Men.pdf.
Acedido 11 Jan. 2022.
- Monaghan, Patricia. "fetch". *The Encyclopedia of Celtic Mythology and Folklore*. Facts On File, 2004.
- Nusbaum, Abigail Ina. "Victorian Domesticity and the Perpetuation of Childhood: an Examination of Gender Roles and the Family Unit in J. M. Barrie's *Peter Pan*." Dissertação. Liberty University, 2014.
- Ramos, Iolanda Freitas. *Matrizes Culturais. Notas para um Estudo da Era Vitoriana*. Edições Colibri, 2014.
- Romero, Holly-Mary. "The Doppelganger in Select Nineteenth-Century British Fiction: *Frankenstein*, *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde*, and *Dracula*." Dissertação. Faculté des Lettres da Université Laval, 2013.
- Rowland, Ann Wierda. *Romanticism and Childhood: The Infantilization of British Literary Culture*. Cambridge University Press, 2015.
- Rubenstein, Marc A. "'My Accursed Origin': The Search for the Mother in 'Frankenstein'." *Studies in Romanticism*, vol. 15, no. 2: *Psychoanalysis and Romanticism*, 1976), pp. 165-196. <http://www.jstor.org/stable/25600007>. Acedido 11 Jan. 2022.

Sherman, Joseph, editor. "Doppelgänger." *Storytelling: An Encyclopedia of Mythology and Folklore*. M. E. Sharpe, 2008.

Stevenson, Robert Louis. *Strange Case of Dr Jekyll & Mr Hyde*. Alma Classics, 2014.

Stoker, Bram. *Dracula*. Simon & Schuster, 2014.

Thakkar, Abhishek e Dushyant Nimavat. "The Origin of Species: The Most Significant Work of Victorian Literature." *International Journal of English Language, Literature in Humanities*, vol. 7, no. 1, 2019, pp. 753-71.

¹ Já na literatura inglesa que antecede a Era Vitoriana, nomeadamente no Romantismo, assiste-se ao frequente uso desta temática, como podemos observar não apenas em *Frankenstein* de Mary Shelley, de forma mais evidente, mas também na poesia de William Wordsworth - note-se a dualidade existente entre a paisagem idílica e os sentimentos de tristeza do sujeito poético em "Poor Susan" (1798) ou "Ode: Intimations of Immortality from Recollections of Early Childhood" (1807) - ou nos ilustres *Songs of Innocence and Songs of Experience* (1789), de William Blake. Não obstante, o tema do duplo pode ser encontrado, como afirma Holly-Mary Romero, em textos tão remotos como o próprio *Genesis*: "Most importantly, the nineteenth-century Gothic doppelgänger is part of a tradition of double narratives that has existed as far back as the fall of Satan in *Genesis*" (Romero 21).

² Simona Micali, em "The Hero and His Shadow," acrescenta ainda que a figura da sombra que diversas vezes surge na literatura abandona frequentemente a pessoa que a origina, tornando-se assim autónoma (100), tal como ocorre em, a título de exemplo, *Peter and Wendy* (1911), de J.M. Barrie, sendo que a sombra de Peter Pan o abandona e estabelece-se assim como um duplo deste, agindo de forma independente e senciente (Barrie 78, 90).

³ Sigmund Freud refere que a alma imortal do ser humano constitui, provavelmente, a primeira e mais antiga manifestação do duplo de um ser humano, e elabora sobre o tema: "The invention of such doubling as a defence against annihilation has a counterpart in the language of dreams, which is fond of expressing the idea of castration by duplicating or multiplying the genital symbol. In the civilization of ancient Egypt, it became a spur to artists to form images of the dead in durable materials. But these ideas arose on the soil of boundless self-love, the primordial narcissism that dominates the mental life of both the child and primitive man, and when this phase is surmounted, the meaning of the 'double' changes: having once been an assurance of immortality, it becomes the uncanny harbinger of death" (142).

⁴ A figura do *fetch* referida anteriormente incorpora também esta questão da sorte: se o indivíduo encontrasse o seu *fetch* durante a manhã, significaria que os tempos vindouros iriam estar recheados de sorte; se, por outro lado, o encontro se realizasse durante a noite ou nas imediações de um cemitério, tal indicaria que a morte estava próxima (Monaghan 184/185).

⁵ Alguns dos estatutos que Jekyll possui são mencionados diretamente na obra, como se poderá verificar no seguinte excerto: ". . . in case of the decease of Henry Jekyll, MD, DCL, LL.D., F.R.S., etc. . . ." (Stevenson 11), surgindo explicitados nas notas da edição em uso: "p.11, MD, DCL, LL.D., F.R.S.: Doctor of Medicine, Doctor of Civil Law, Doctor of Laws and Fellow of the Royal Society" (*Ibidem* 225).

⁶ É necessário ter em atenção, no entanto, as imagens que estas descrições evocam na mente dos leitores de Stevenson e que, compelidos pelas afirmações de Utterson, poderão associar à residência de Jekyll um sentimento de verdadeiro e profundo conforto e abertura de espírito. No entanto, as habitações vitorianas eram construídas com este propósito, servindo a ideologia social de separação entre as esferas pública e privada. Sobre esta questão, Catherine Lemmer explica: "Each room is separate from the next with only one entrance so that visitors need see little more than the room they find themselves in. . . . The nineteenth century saw the continued separation of the public from the private, work from home. The layout of the Victorian house reflects this change. The home was no longer the site of communal endeavour. . . . Victorian architects reproduced spatial and social hierarchies by structuring architectural space according to gendered ideals of the public and the private" (89).

⁷ Entre os muitos exemplos que poderiam ser referidos, apresentam-se os seguintes: comentário de Marlow sobre Londres em *Heart of Darkness* (1899), de Joseph Conrad: "'And this also,' said Marlow suddenly, 'has been one of the dark places of the earth.'" (105); *The Sign of the Four* (1890), de Sir Arthur Conan Doyle: "At first I had some idea as to the direction in which we were driving; but soon, what with our pace, the fog, and my own limited knowledge of London, I lost my bearings, and knew nothing, save that we seemed to be going a very long way. Sherlock Holmes was never at fault, however, and he muttered the names as the cab rattled through squares and in and out by tortuous by-streets." (s/p); *Dracula* (1897), de Bram Stoker: "I long to go through the crowded streets of your mighty London, to be in

the midst of the whirl and rush of humanity, to share its life, its change, its death, and all that makes it what it is.” (23); e nos passos que abrem *Bleak House* (1852-53), de Charles Dickens: “Fog everywhere. Fog up the river, where it flows among green aits and meadows; fog down the river, where it rolls defiled among the tiers of shipping and the waterside pollutions of a great (and dirty) city. Fog on the Essex marshes, fog on the Kentish heights. Fog creeping into the cabooses of collier-brigs; fog lying out on the yards and hovering in the rigging of great ships; fog drooping on the gunwales of barges and small boats. Fog in the eyes and throats of ancient Greenwich pensioners, wheezing by the firesides of their wards; fog in the stem and bowl of the afternoon pipe of the wrathful skipper, down in his close cabin; fog cruelly pinching the toes and fingers of his shivering little ‘prentice boy on deck. Chance people on the bridges peeping over the parapets into a nether sky of fog, with fog all round them, as if they were up in a balloon and hanging in the misty clouds” (s/p).

⁸ A imprensa foi, em larga medida, responsável pela acentuação das diferenças entre o *East End* e o *West End*. Os jornais e a informação que circulavam no *West End* aludiam frequentemente ao crime e a violência dos locais mais pobres da cidade, e a população mais desfavorecida desconhecia, por sua vez, o modo de vida dos mais abastados: “. . . those from East End of London who lived in ignorance of the civilizing influences of the West End, with its theatres and clubs” (Michie 97).

⁹ Os romances góticos dos finais do século XVIII, bem como os produzidos no século XIX, apresentavam, de uma forma geral, temáticas consideradas extravagantes, assim como os que herdaram características da *German School of Horror* ou mesmo das obras libertinas de Marquês de Sade, sendo marcados pelo seu teor erótico e sexual e subvertendo dogmas religiosos e padrões sociais, morais e éticos da época. Apesar de tais obras serem condenadas na esfera pública, estas eram, paradoxalmente, consumidas rapidamente pelos leitores vitorianos. *The Monk* (1796), de Matthew Gregory Lewis, é um dos proeminentes exemplos que demonstram esta tendência, tornando-se um *best-seller* na referida época; também *A Sicilian Romance* (1790), de Ann Radcliffe, *The Giaour* (1813), de Lord Byron, ou *Carmilla* (1871-72), de Joseph Sheridan Le Fanu, podem figurar nesta lista.

¹⁰ Sobre esta temática, consulte-se o artigo de Maria Conceição Castel-Branco intitulado “Literatura e Psicologia: a Dualidade na Obra de Robert Louis Stevenson” (2012).

¹¹ Sobre a temática da criança romântica, Ann Wierda Rowland apresenta uma definição e estabelece importantes considerações (25), assim como James Kincaid, que contrasta esta idealização com a simultânea sexualização da criança na época e o pensamento de Freud (15-7, 52, 113). Relativamente à inexistência de uma transição natural e tranquila entre a esfera isolada em que a criança vitoriana é colocada - nomeadamente através do berçário nas habitações - e a implacável vida pública recheada de responsabilidades, exigências e expectativas, Abigail Ina Nusbaum tece também relevantes considerações: “For the Victorians, the nursery was a revered space. Much of the action taking place within the domestic sphere was geared toward the children, focusing on their life in the nursery. Though the nursery was a well-defined space for childhood within Victorian society, the transition out of the nursery had no accompanying space, which created a problem when it came time for children to leave childhood behind. . . . The harsh contrast of adult expectations against a background of idealized nursery life was a startling reality for many growing up in the Victorian era. The abruptness of this transition leads to the feeling as though something has been missed, or lost, in the midst of the movement” (7).

¹² A análise do tema da religião introduz também uma interessante perspectiva no tratamento do duplo recorrendo a dicotomias como as que têm vindo a ser explicitadas, nomeadamente através da introdução da noção de pecado: “Hyde stands for the unattainable desires of Jekyll in his childhood. Jekyll finds out that Hyde experiences his unfulfilled pleasures in the life, and the sweet sensation of the sin was novel to him and it gave him an ecstatic feeling” (Abadi e Abadi 941/942).